

# SOBRE GEOGRAFIA(S) E QUINTAIS

*ABOUT GEOGRAPHY(IES) AND HOMEGARDENS*

## RITA DE CÁSSIA MARTINS MONTEZUMA

*Doutora em Geografia (UFF)*

*Professora Associada do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense*

*ritamontezuma@id.uff.br*

**RESUMO:** O ARTIGO APRESENTA UMA PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO ELEGENDO QUINTAIS COMO OBJETO-CHAVE PARA PENSAR A URBANIZAÇÃO. BUSCA DEBATER AS RELAÇÕES DIALÓGICAS POSSÍVEIS ENTRE VÁRIOS CAMPOS CIENTÍFICOS, ASSIM COMO PROPÕE CAMINHOS PEDAGÓGICOS TRANSGRESSORES QUE PERMITAM SUPERAR SILENCIAMENTOS E APAGAMENTOS A PARTIR DA VALORIZAÇÃO DE GRUPOS E DE EPISTEMOLOGIAS SUBALTERNIZADAS, VISANDO ACESSAR E COMPREENDER OS ESPAÇOS URBANOS A PARTIR DOS/AS SUJEITOS/AS ENVOLVIDOS. TENDO COMO FOCO OS QUINTAIS DE ESPAÇOS PERIFERIZADOS, DESTACA A IMPORTÂNCIA DESSA FORMA DE HABITAR A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA MULTIESCALAR E MULTIDIMENSIONAL, ONDE DISTINTOS CAMPOS DO CONHECIMENTO E SABERES SÃO NECESSÁRIOS PARA SUA COMPREENSÃO. DA IMPORTÂNCIA BIOGEOGRÁFICA DOS FLUXOS DE ESPÉCIES, DOS PROCESSOS ECOLÓGICOS, PASSANDO PELOS CONFLITOS SOCIAIS, VIOLÊNCIA URBANA, ABORDA O PAPEL DO CAPITAL NA TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÚDE SOCIAL E AMBIENTAL DAS CIDADES. RESULTADO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO INSPIRADO EM MANOEL DE BARROS – MEU QUINTAL É MAIOR QUE O MUNDO-, RESSALTA A IMPORTÂNCIA DA INCORPORAÇÃO DE LINGUAGENS DIVERSIFICADAS COMO ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS NO CAMPO CIENTÍFICO, ACIONANDO A ECOLOGIA DOS SABERES COMO ESTRATÉGIA DE AMPLIAÇÃO EPISTEMOLÓGICA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO. AO QUESTIONAR A NEUTRALIDADE NAS CIÊNCIAS, SE UTILIZA DE UM POSICIONAMENTO EPISTÊMICO APONTANDO PARA AS POSSIBILIDADES EXISTENTES EM UMA GEOGRAFIA DAS AUSÊNCIAS E NA GEOGRAFIA DAS EMERGÊNCIAS, PARODIANDO BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, REIVINDICANDO GEO-GRÁFIAS MAIS PLURAIS E INCLUSIVAS DE FORMA A ENCANTAR NOVOS/AS SUJEITOS/AS E CORPOREIDADES PARA AS CIÊNCIAS E POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E TRANSGRESSORA, COMO PROPOSTA POR BELL HOOKS.

**PALAVRAS-CHAVE:** QUINTAIS; ESPAÇOS LIVRES DE EDIFICAÇÃO; EPISTEMOLOGIAS EMERGENTES; URBANIZAÇÃO; SOCIOBIODIVERSIDADE.

**ABSTRACT:** THE ARTICLE PRESENTS A RESEARCH PROPOSAL ELECTING HOMEGARDENS AS A KEY OBJECT FOR THINKING URBANIZATION. IT SEEKS TO DEBATE THE POSSIBLE DIALOGICAL RELATIONSHIPS BETWEEN VARIOUS SCIENTIFIC FIELDS, AS WELL AS PROPOSING TRANSGRESSIVE PEDAGOGICAL PATHS THAT ALLOW OVERCOMING SILENCING AND INVISIBILITIES THROUGH THE VALORIZATION OF SUBALTERNIZED GROUPS AND EPISTEMOLOGIES, AIMING TO ACCESS AND UNDERSTAND THE URBAN SPACES FROM THE POINT OF VIEW OF SUBJECTS INVOLVED. FOCUSING ON THE HOMEGARDENS OF PERIPHERAL SPACES, IT HIGHLIGHTS THE IMPORTANCE OF THIS URBAN MORPHOLOGY FROM A MULTI-SCALE AND MULTIDIMENSIONAL PERSPECTIVE, WHERE DIFFERENT FIELDS OF KNOWLEDGE ARE NECESSARY FOR ITS UNDERSTANDING. FROM THE BIOGEOGRAPHIC IMPORTANCE OF SPECIES FLOWS, ECOLOGICAL PROCESSES, THROUGH SOCIAL CONFLICTS AND URBAN VIOLENCE, IT ADDRESSES THE ROLE OF CAPITAL IN THE TRANSFORMATION OF URBAN SPACE AND ITS CONSEQUENCES FOR THE SOCIAL AND ENVIRONMENTAL HEALTH OF CITIES. RESULT OF AN EXTENSION PROJECT INSPIRED BY MANOEL DE BARROS – MY HOMEGARDEN IS BIGGER THAN THE WORLD –, HIGHLIGHTS THE IMPORTANCE OF INCORPORATING DIVERSE LANGUAGES AS PEDAGOGICAL STRATEGIES IN THE SCIENTIFIC FIELD, ACTIVATING THE ECOLOGY OF KNOWLEDGES AS A STRATEGY FOR EPISTEMOLOGICAL EXPANSION, DIVERSITY AND INCLUSION. BY QUESTIONING NEUTRALITY IN THE SCIENCES, AN EPISTEMIC POSITION IS USED, POINTING OUT THE POSSIBILITIES THAT EXIST IN A GEOGRAPHY OF ABSENCES AND THE GEOGRAPHY OF EMERGENCIES, PARODYING BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS, DEMANDING MORE PLURAL AND INCLUSIVE GEO-GRAPHIES IN ORDER TO ENCHANT NEW PEOPLE, SUBJECTS AND CORPOREITIES FOR THE SCIENCES AND FOR A LIBERTARIAN AND TRANSGRESSIVE EDUCATION, AS PROPOSED BY BELL HOOKS.

**KEYWORDS:** HOMEGARDENS; OPEN SPACE; EMERGING EPISTEMOLOGIES; URBANIZATION; SOCIOBIODIVERSITY

## INTRODUÇÃO (OU SITUANDO O DEBATE)

Sobre a Geografia e os quintais, tudo é plural, tudo é diverso. Para fazer esse cruzo é necessária alquimia, onde cada elemento acrescentado desencadeia um movimento, em espiral. Como se faz com um bolo, em que a soma das partes não traduz o todo. Quintal, como forma e como função, é uma expressão do espaço cuja tradução indica reminiscências, remanescências, fragmentos do passado em forma, memória, história e conteúdos. É também expressão de quem dele se apropria, revelando-o como uma extensão do próprio corpo. É objeto, mas pode ser sujeito.

Como objeto pode ser investigado na área das Ciências Biológicas, Ecologia, Medicina, Psicologia, Educação, Ciências Sociais, Antropologia, Arquitetura, Urbanismo, Paisagismo etc. Na Geografia, área central deste debate, transversaliza com a Geopolítica, Agrária, Urbana, Geomorfologia, Biogeografia, Climatologia, Saúde, Ecologia Política, Geografia dos Movimentos Sociais e outras subáreas. São possibilidades em palimpsesto. E dialoga também com outros campos, áreas e saberes.

Como sujeito emergem em debates em que a indissociabilidade ser humano-natureza se apresenta. Como nas palavras de Manoel de Barros em seu poema O Apanhador de Desperdícios

*Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim um atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.*

No mundo das artes e das emoções, é cotidiano e integra a corporeidade de sujeitos que o habita, como em Vilarejo, composição de Marisa Monte:

*Por cima das casas, cal  
Frutos em qualquer quintal  
Peitos fartos, filhos fortes  
Sonho semeando o mundo real*

É espaço da imaginação, dos sonhos, desejos, memórias e afetos, como na composição de Belchior:

*Eu era alegre como um rio  
Um bicho, um bando de pardais  
Como um galo, quando havia...  
Quando havia galos, noites e quintais*

E também um espaço testemunho de processos e de injustiças sociais, como na música de Paulinho Tapajós e Sivuca, No Tempo dos quintais

*Veio um marquês de uma terra já perdida.  
E era uma vez, se fez dono da vida.  
Mandou buscar cem dúzias de avenidas  
Pra expulsar de vez as margaridas.  
Por não ter filhos, talvez por nem gostar;  
Ou talvez, por manias de mandar.  
Só sei que enquanto houver os corações,  
Nem mesmo mil ladrões  
Podem roubar canções;  
E deixa estar, que há de voltar  
O tempo dos pardais, do verde dos quintais;  
Tempo em que o medo se chamou... jamais.*

Neste trabalho intento situar os quintais na sua pluralidade e apresentar o projeto que me traz a este texto. Intenciono conceituar apontando encruzilhadas que nos permita analisá-lo como espaço múltiplo, de amplas possibilidades e escolhas. Busco fazer um panorama sobre temas que possam ser debatidos no âmbito das abordagens das etnociências, geografia urbana, biogeografia e ecologia política, abrindo portas e janelas ao diálogo com outros conhecimentos, ciências e saberes. É intrinsecamente uma amálgama da ciência com a vida cotidiana. Extensão acadêmica e pessoal preta de subjetividades.

É neste contexto complexo que surgiu o projeto de pesquisa e extensão, em andamento, intitulado “Meu quintal é maior do que o mundo” – colhido na fonte das leituras pródigas de Manoel de Barros, somada a tantas outras que igualmente inspiraram. De caráter interdisciplinar, envolve Geografia Urbana, Ecologia e Biogeografia Urbana,

Educação Ambiental e Geografia Escolar. Busca acessar outros saberes com interlocutoras/es e pesquisadoras/es de campo. Inicialmente foi conduzido por cinco professoras distribuídas no Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense – Ana Cláudia Giordani (Geografia da Educação e Geografia Escolar), Flávia Elaine da Silva Martins (Geografia Urbana) e Rita de Cássia Martins Montezuma (Ecologia Política e Biogeografia), e na Faculdade de Educação da mesma Universidade – Amélia Cristina Bezerra (Geo(grafias) escolares; Cidade, Escola e Experiência) e Lúcia Cavalieri (Geografia da Educação, Educação Ambiental).

Como pesquisa tem possibilitado uma análise crítica sobre formas de produção do espaço, tradicionais e contemporâneas, sobre o fenômeno urbano atual e que recentemente vem ganhando nicho nos estudos acadêmicos por conta do avanço da agricultura urbana e agroecologia, em parte integrando o sistema de espaços livres de edificação, possibilitando um leque de discussões que remetem à sua importância social e ambiental. Atualmente, os quintais vêm obtendo contornos expressivos como consequência do isolamento social adotado como medida de prevenção à pandemia do coronavírus (COVID 19).

Como extensão viabiliza acessar espaços de pesquisa pouco considerados na academia e por isso transgressores, à moda de bell hooks (2017): periferias, favelas, quilombos, subúrbios, terreiros, templos religiosos e Escolas. Permite, desta forma, encontrar potentes pesquisadores/as em cada um desses lugares: estudantes e professores/as na Educação básica, donas de casa, antigos/as lavradores/as, raramente conceituados desta forma no meio acadêmico. Assim, atende às diretrizes de Impacto e Transformação Social da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por meio das quais se estabelece a inter-relação da universidade com os outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população, propiciadora do desenvolvimento social e regional, o que possibilita a criação ou o aprimoramento de políticas públicas.

Como projeto simultaneamente de pesquisa e extensão se associa ao ensino, ao incorporar espaços formativos formais e informais que acessam realidades sociais em diversos contextos, atendendo a um dos principais objetivos do ensino: transformação social por meio do (re) conhecimento das realidades sociais em âmbito local e regional, assim como pelo desenvolvimento de habilidades técnico-científicas aplicadas à solução de problemas concretos. O incentivo às práticas educativas inovadoras reforça o caráter da formação continuada na relação ensino-pesquisa-extensão. Com este caráter integra Educação Básica-Graduação-Pós-graduação.

## **SOBRE CONCEITOS, FORMAS, FUNÇÕES E TRANSFORMAÇÕES**

O termo quintal remete, em um primeiro momento, a uma forma de habitação herdada da colonização europeia (por vezes com significativa influência moura) que pode ser definida como “pequena quinta” ou “pequeno terreno, muitas vezes com jardim ou com horta, ou ambos, localizados atrás da casa” (FERREIRA, 2010), porém podendo ser estendidos aos espaços laterais e frontais sofrendo transformações na medida em que a urbanização se amplia e a paisagem se transforma:

*Quintais e jardins, as vezes ligados entre si por corredores laterais, constituem, basicamente, sua estrutura de espaços livres não edificados e são o palco de parte da vida urbana ao ar livre. A sua crescente redução em tamanho, devido ao aumento da demanda do solo urbano, vinculada a um também crescimento significativo da população, força os seus usuários a buscarem outras alternativas para suas atividades como os parques, praças e a rua (esta tradicionalmente um espaço complementar às atividades da habitação). (MACEDO, 1997, p.8)*

Reiterando Macedo (1997), os quintais surgem como um fragmento do rural nas cidades que se desenvolvem. São rugosidades que se

transmutam com o ritmo de desenvolvimento da cidade, podendo desaparecer na concreção do processo. Durante a transformação, marcas de sua história, na forma ou no conteúdo, podem ficar registradas na paisagem revelando

*... suscetíveis mudanças irregulares ao longo do tempo, caracterizada por um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 2012 p.74/75).*

Reverberam uma performance interescalar que parte do corpo à cidade (AMORIM *et al.*, 2015). Do tangível ao intangível.

Na condição de espaços livres<sup>1</sup> (MAGNOLI, 2006) no interior dos lotes é nos quintais que se desenvolvem várias atividades do cotidiano da população como lazer, convívio social, produção e execução de atividades domésticas como jardins, hortas, criações e pomares (HOLTHER, 2002), pequenas produções, de fácil acesso, que servem à alimentação imediata, à produção medicinal (remédios caseiros) e à proteção espiritual. Também conta com ferramentas e utensílios para a preparação de comidas, rituais, como fornalhas, fogões de lenha, pilões, dentre outros. Desta forma são o armazém, a farmácia ou o templo espiritual ao alcance das mãos. Subsidiem trocas ou pequenas comercializações que, muitas vezes complementa a renda da família (AMARAL; GUARIM-NETO, 2008, PASA, NEVES, ALCÂNTARA, 2010, WINKLERPRINS; OLIVEIRA, 2010), em geral cuidado por mulheres.

Na escala intradomiciliar eles guardam um papel de formação de identidade na vida dos indivíduos que os cuidam, sendo expresso pelo pertencimento e detenção de conhecimento de usos e cuidados com as plantas (HOLTHER, 2002), animais domésticos e fazeres outros vinculados à casa e família. A relação identitária que se estabelece entre seus cuidadores e usuários resulta em ampla variedade de usos e ordenamento do espaço. As diversas práticas geram diversidade de espécies e de manejos definidos pelas tradições

socioculturais e agroecológicas de cada grupo envolvido (BRITO; COELHO, 2000). Práticas que ampliam a sociobiodiversidade.

Nesta relação intradomiciliar a categoria geográfica lugar é identificada por refletir o local do cuidado e do manejo da vida que possibilita este cuidar, notadamente um lugar onde a mulher se destaca (AMARAL; GUARIM-NETO, 2008; MARTINS; MONTEZUMA, 2017). O *locus* dos sentimentos marcados pela materialidade dos desejos, impressões, necessidades de quem o cuida e/ou usufrui. Segundo Amorim, *et al.* (2015), a relação dos moradores com os quintais estabelece uma cronosequência resultante do processo interativo e histórico do mantenedor com o espaço que, devido à crescente urbanização, refletem as mudanças nas necessidades dos moradores e do adensamento populacional. “Os quintais urbanos são importantes para as pessoas, para as residências, e para as cidades, na medida em que permitem a humanização do espaço mesmo diante da impessoalidade tradicional urbana” (AMORIM *et al.* 2015, p.7).

A humanização do espaço forjada no convívio urbano alarga a concepção de saúde de forma que as emoções e corpo físico sejam indissociáveis. Neste sentido, depreendemos que as práticas desenvolvidas nos quintais se tornam uma necessidade para o bem-estar desta parte da população, sobretudo aquela que teve a oportunidade de experienciá-la através de uma relação direta anteriormente vivida, ou seja, por períodos breves usufruídos em férias, momentos episódicos na infância ou intervalares da vida adulta.

Esta necessidade latente nos remete a uma interpretação de que as formas remanescentes na urbanização revelam a adaptação às cidades, como reafirmada por Macedo (1997). Uma adaptação expressa na resignificação dos espaços possíveis para o usufruto das funções desempenhadas nos antigos e clássicos quintais.

Estudos da escravidão urbana apontam os quintais e jardins, juntamente com os porões e cozinhas, como os espaços destinados à escravaria, posto que à época a deficiência e precariedade de casas nos centros urbanos neste período não permitiu espaços reservados especificamente para guardar os escravizados e cativos (SANTOS,



2010). Um arranjo espacial que garantia vigia e controle dos proprietários ao mesmo tempo que os mantinham longe dos olhares públicos. Se por um lado essa espacialidade reserva aspectos de práticas não ditas, estigmas de não lugares, do sujo ou do malvisto, aspectos do comportamento social típicos das etnias africanas em que até a morte é tratada com festa, fizeram dos quintais o espaço de práticas festivas e/ou religiosas que se popularizaram como território da musicalidade – uma expressão de resistência às opressões (Figura 1). Desta forma o lugar recôndito surge anunciando o fundo do quintal como lugar da musicalidade e dança, do samba, pagode, chorinho, dentre outras manifestações culturais normalmente vinculada à cultura negra. Essa tradição de sociabilidade imprime uma identidade aos lugares onde estilos musicais forjam a marca de uma sociedade, dando inclusive o nome a um famoso conjunto de samba, o Fundo de Quintal<sup>2</sup>.

A função dos quintais como espaço da sociabilidade é identificada também em outras formas além do estilo clássico situado nas laterais

e fundos, que neste estudo consideramos como referência para analisar as demais formas. Em locais como lajes, terraços, corredores, varandas, áreas de serviço, dentre outras, identificamos práticas de sociabilidade manifestas em refeições coletivas, festas, encontros e lugar para brincadeiras. Outras funções como lazer, descanso, contemplação, ouvir música, ler, bronzear-se, tomar banhos (em piscinas ou com uso de baldes, chuveiros, torneiras, mangueiras etc.); cultivo de plantas, criação de animais, práticas produtivas como pequenas oficinas mecânicas, culinárias, costuras que subsidiem a economia doméstica; depósito de materiais, máquinas, equipamentos e utensílios; em espaços não permeabilizados também é possível o sepultamento de animais. A permanência de uma ou mais funções é um indicativo de que os espaços citados constituem uma versão adaptada da forma clássica. São espaços do possível e, por esta razão, os entendemos como a ressignificação dos quintais. Uma forma de exercer práticas que garantam o bem-estar dos indivíduos cuidadores ou de sua família.



**Figura 1** | O fundo de quintal com frutíferas plantadas, canil ao fundo e ao centro os músicos promovendo a roda e intensificando o encontro. Canoas/RS. Fonte: A autora, 2018.

É na interlocução entre sentimentos, desejos e práticas que se materializa uma outra dimensão da e na paisagem urbana: a dimensão da biodiversidade. Esta também incorpora uma interesalaridade que vai da sua unidade mais elementar - o gene -, à mais integradora - a paisagem. É também uma dimensão interseccional ao refletir práticas sociais relacionadas ao gênero, classe, etnias e origens.

## **RESERVA DA SOCIOBIODIVERSIDADE: A PRODUÇÃO E DOMESTICAÇÃO DOS GENES ÀS PAISAGENS**

Tratam-se de categorias analíticas da ecologia e biogeografia que passaram a expressar a interrelação de humanos com não-humanos, em um conjunto interatuante e coevolutivo, a partir dos últimos três grandes períodos históricos: o paleolítico, iniciando com os primeiros primatas há 10 milhões de anos (MAZOYER; ROUDART, 1997) e incorporando o advento da expansão humana há 100.000 anos, passando pelo período neolítico, aproximadamente 10.000 anos, e chegando à revolução industrial há 200 anos aproximados (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

*Se o Homo sapiens conseguiu permanecer, colonizando e expandindo a sua presença na Terra, é porque foi capaz de reconhecer e aproveitar os elementos e processos do mundo natural, um universo que encerra uma característica essencial: a diversidade. Essa habilidade se deve à manutenção de sua memória, individual e coletiva, que conseguiu se estender pelas diferentes configurações societárias que formaram a espécie humana. Esse traço evolutivamente vantajoso da espécie humana tem sido limitado, ignorado, esquecido ou tacitamente negado com o advento da modernidade, que constituiu uma era cada vez mais orientada pela vida instantânea e pela capacidade de recordar. (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 27/28).*

A produção e distribuição espaço-temporal da biodiversidade antecede as formas de produção social da natureza, a qual se inicia com o surgimento dos caçadores e coletores que posteriormente produzem e incorporam os espaços rurais e urbanos à medida em que abandonam o nomadismo e se sedentizam. Desta forma a periodização da produção da biodiversidade pode ser dividida em dois momentos: o primeiro, uma produção não humana, em que a conformação geológica e biológica do planeta definiram a distribuição geográfica e a organização ecossistêmica de seus recursos, e estes determinaram as condições e as características da biodiversidade (LEFF, 2009, p.52); no segundo momento processos sociais humanos de transformação da matéria e de acúmulo de energia, adquiridos a partir do conhecimento obtido ao longo da evolução através da identificação, seleção, apropriação e manejo da biodiversidade, estabeleceram outros padrões de distribuição das espécies e sistemas ambientais.

Neste caso estamos tratando da sociobiodiversidade. Uma forma de produção de biodiversidade que resulta da interação humana com a natureza em múltiplos níveis escalares: das espécies às paisagens. Esta interação pode ser tanto intencional, como no caso da domesticação, como aleatória, como no caso das espécies ruderais, as quais acompanham o deslocamento humano sem que os grupos sociais envolvidos tenham intencionalmente as selecionado.

Em geral quintais refletem a tradição e os aspectos típicos de um ambiente rural, onde seus moradores tiveram origem (AMARAL; GUARIM-NETO, 2008). A ruralidade que é reproduzida nos quintais é uma extensão da experiência acumulada por gerações na sua lida com as formas tradicionais de produção, onde a oralidade é o principal acervo das relações coma natureza e, portanto, com a biodiversidade (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Quintais representam reservas da natureza e, ainda que majoritariamente estejamos tratando de uma natureza domesticada, exprimem concepções e condições de viver e morar de cada grupo social envolvido.

*Morar, por sua vez, não se define como mero efeito de um fazer comunitário, mas como algo que indica a própria identidade do grupo. O que dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios. (SODRÉ, 2019, p.24).*

Nem sempre as relações identitárias beneficiam os ecossistemas e biomas locais. Carnielo *et al.* (2010) afirmam que, no caso da presença de migrantes, a estreita relação destes com as suas regiões de origem, reproduzem nos quintais réplicas dos seus quintais de origem, inclusive com espécies típicas. São territorializações redefinindo composição, estrutura e funcionamento das paisagens em que se situam. Um movimento que somado às demais formas contemporâneas de produção do espaço, diante de uma economia global, vem contribuindo para a produção de ecossistemas que são novidades evolutivas -ecossistemas emergentes (*novel ecosystems*): um desafio epistêmico nas áreas das Geografias e ciências afins.

## **HABITAR X HABITATS: DESAFIOS E DINÂMICAS DE PERMANÊNCIA**

Formas diferenciadas de ver, sentir, perceber e agir sobre a natureza são manifestações distintas de racionalidades que rebatem na paisagem. A materialidade das cosmopercepções muitas vezes colidem quando estão em espaços de disputa, gerando conflitos socioambientais. Conflitos socioambientais são entendidos como um conjunto complexo de embate entre grupos sociais distintos em função de formas diferenciadas de perceber

e se relacionar com os recursos ambientais de um determinado ambiente ou o próprio ambiente (LITTLE, 2006, p.91).

No espaço rural os quintais em geral são extensão das roças. Tendem a formar um ambiente gradacional entre a casa, a roça e a floresta ou espaços silvestres adjacentes (figura 2). As cercas quando são presentes, normalmente são cercas vivas, feitas com plantas e arbustos que permitem fluxos de espécies, pessoas, informações, matéria e energia. No caso de quintais agroecológicos ou agroflorestais, os fluxos de espécies são mais intensos permitindo uma troca maior com o entorno. Esta troca possibilita uma maior conservação da biodiversidade. Nestes ambientes os conflitos existentes são de naturezas e magnitudes distintas daqueles registrados nos espaços urbanos onde a forma de habitar estabelece limites mais rígidos.

Nas áreas urbanas ou em urbanização a presença da biodiversidade é mais restrita e menos diversificada. Quintais em áreas de expansão, ou já consolidadas no espaço urbano, são condições de conflitos. Assim também são em áreas próximas ou internas das unidades de conservação.

A disputa pela natureza insularizada nos espaços urbanos, como unidades de conservação e parques urbanos, conotam processos de dominação e apropriação que se concluem na expulsão dos moradores localizados na proximidade dessas áreas. Normalmente portando lógicas de morar que não são similares àquelas desenvolvidas nos quintais. A transformação urbana desses entornos traduz-se em perdas de diversidade e direitos pois, se para alguns os quintais representam territórios de existências, para outros são territórios de troca (MONTEZUMA, 2020).





**Figura 2** | *Quintal, roça e floresta em contiguidade. Quilombo Cafundá-Astrogilda, Vargem Grande, Rio de Janeiro/RJ.*  
Fonte: A autora, 2018.

O agravamento dos conflitos urbanos em áreas conflagradas por milícias e narcotráfico, mais frequentes em periferias, também produzem transformações que se refletem na forma dos quintais e, conseqüentemente, em algumas de suas funções. A proteção dos limites da casa na forma de cercas vivas ou de telas, por exemplo, permitem a comunicação visual de um quintal para o outro, intensificando fluxos de espécies e fluxos abióticos (vento, água, minerais, terras, energia etc.), como também da sociabilidade da vizinhança. Em áreas onde os quintais são predominantes Pasa; Neves e Alcântara (2006) ressaltam que as relações de vizinhança são estimuladas a não se perderem durante a passagem do tempo, expondo as pessoas e garantindo a troca de experiências, vivências, informações. Redes de trocas são formadas na forma de intercâmbios de sementes, plantas, pequenos animais ou alimentos e realizadas como presentes,

empréstimos, compra e venda que consubstanciam relações tanto quanto subsidiam e suprem pequenas necessidades (WINKLERPRINS, 2002).

Valores que se perdem nas áreas onde a violência é crescente e as cercas elevadas são de alvenaria e eletrificadas, além de outras formas de proteção física que rebatem negativamente no conforto ambiental, emocional e nas trocas físicas, bióticas e sociais com o entorno. Os espaços comuns, assim como as ruas, que antes se constituíam em contiguidades às casas e quintais, tornam-se espaços de passagem (MACEDO, 1997) e, preferencialmente, de um tempo mais acelerado, de permanência reduzida ou quase nula.

Áreas onde os quintais são predominantes se tornam alvo do interesse do capital imobiliário e financeiro. Cada unidade unifamiliar configura-se em uma importante reserva de terras para a implementação de formas de habitar que não



contemplam os laços com a natureza e com a vizinhança, que reforçam as redes de cuidado mútuo e comunal. Nas áreas de expansão urbana os quintais se apresentam como uma forma complexa de moradia fortemente ameaçada pelos condomínios.

*Os condomínios, por sua vez, representam uma forma particular de acesso à moradia mediado pelo crédito, em uma sociedade de empregos “flexíveis”, com contratos precários e mal pagos, acabando por promover o desenraizamento das famílias de seus lugares de existência e significação (MARTINS; MONTEZUMA, 2019, p. 7).*

No contexto de uma dinâmica urbana acelerada, onde impera a ação do capital na produção do espaço urbano, narrativas são produzidas e amplificadas para acelerar o processo de urbanização. A desqualificação que pesa sobre a forma do habitar tradicional dos quintais é acionada para atrair modelos arquitetônicos que negam as práticas produtivas e sociais dos quintais. A proximidade de áreas protegidas como as unidades de conservação ou parques urbanos tem na natureza a âncora atratora do mercado imobiliário que, não raro, substituirá as formas existentes em nome de uma modernidade e estética que alude à noção da natureza, sem, contudo, tê-la como parte de si (GOMES, 2013; MONTEZUMA, 2020). A natureza do uso e da existência – um habitat, torna-se a natureza da troca, mercantilizada e fetichizada – o habitar.

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLHA DO QUINTAL COMO CENTRALIDADE INVESTIGATIVA**

Geografias e quintais é um título de enunciação. Enuncia um lugar de fala de quem faz pesquisa tendo como substrato a vida cotidiana de quem é visto como periférico, os de baixo. Enuncia, ao mesmo tempo, uma narrativa que também é de si, pois procura a interlocução como mecanismo de humanização do/da pesquisador/a, onde sua bagagem e vivência são estímulos à pesquisa. Um posicionamento que se comunga com Lélia Gon-

zales ao assumir que há uma escolha pela história (geografias) dos que vêm de baixo. Onde quintais são compreendidos como espaços de produção e transmissão de conhecimentos e, assim, são espaços educativos. Uma Educação que se dá pela liberdade do espaço aberto, livre, que possibilita descobertas e autodescobertas, onde se aprende em ludicidade. Não é raro ver nas periferias quintais-sala de aula, onde professoras (explicadoras) proporcionam acesso aos saberes não aprendidos no espaço formal escolar. Portanto, quintais são também espaços de formação e transformação.

Trata-se, por um lado, de uma provocação à negação epistêmica e aos silenciamentos nas ciências e nas práticas educativas. Daí Geografias no plural, pois busca acionar outras perspectivas, outras metodologias, outras pedagogias, outros saberes com outros interlocutores em múltiplas possibilidades.

Como pesquisadora escolhi minhas referências com base prioritária, mas não exclusiva, nas epistemologias negras e/ou feministas. Em Joice Berth aprendi que por meio do trabalho de base e compromisso ético com a pesquisa e o ensino acadêmicos, podemos alcançar “resultados onde, muitas vezes, o conceito não alcança, posto que muitas vezes está preso dentro dos muros da intelectualidade dominante.” (BERTH, 2018, p.26). Vejo nos quintais essa representatividade inspiradora e libertária. Inspiração que explica o título do projeto: “Meu quintal é maior do que o mundo.” Remete ao perfil de quem pesquisa, pois parto de uma perspectiva de fazer Geografia com prazer (*Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos. Tenho abundância de ser feliz por isso.*), comprometida com uma *praxis* transformadora (*Queria que a minha voz tivesse um formato de canto. Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.*), com uma perspectiva crítica e compromisso social (*Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes*).

Como campo de investigação, o projeto busca relações dialógicas entre outros campos científicos; a seleção de objetos e escalas de observação são de múltiplos níveis – do local ao global; adota linguagens diversificadas como estratégias pedagógicas: música, artes plásticas, audiovisuais, literatura ...; aciona a Ecologia dos Saberes como estratégia

de ampliação epistemológica, diversidade e inclusão; apoia Pedagogias transgressoras para a superação dos silenciamentos, apagamentos e valorização de grupos e epistemologias subalternizadas; vê possibilidades em uma Geografia das Ausências e uma Geografia das Emergências, parodiando Boaventura de Sousa Santos, Geo-grafias mais plurais e inclusivas ... Uma ciência e uma Geografia jamais neutras! Esta proposta é um convite ao encantamento.

## AGRADECIMENTOS

À FAPERJ pelo suporte financeiro através do Edital E-26/01.0001130/2019; à PROEX-UFF pelas bolsas de extensão em 2023 e 2024 (SIGProj N°: 401438.2258.163154.16022024); ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa de Paisagens (GP CNPq NIPP/UFF) pelas parcerias em orientações, debates e coletas de dados e ao Quilombo Cafundá-Astrogilda, especialmente na pessoa de Maria Lúcia Mesquita e de Paulinho (Paulo José Martins Filho).

## NOTAS

<sup>1</sup> O Sistema de Espaços Livres (SEL) é uma categoria analítica na área da Arquitetura e Urbanismo, formulada a partir dos estudos da Profa. Dra. Miranda Magnoli da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUSP).

<sup>2</sup> O grupo de samba Fundo de Quintal foi formado nos anos de 1970 no Rio de Janeiro a partir das rodas de samba do famoso bloco tradicional da cidade, o Cacique de Ramos. Referência da música negra como o samba, partido alto e o pagode, reuniu importantes nomes do cenário musical brasileiro com Beth Carvalho, Arlindo Cruz, Almir Guineto, dentre outros.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Cleomara Nunes do & GUARIM-NETO, Germano. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMORIM, Alexandre Nojoza; CARVALHO, Denis Barros de; BARROS, Roseli Farias Melo de. Vinculação afetiva a quintais urbanos do Nordeste Brasileiro. **Espacios**, v. 36, n.16, p. 1-10, 2015.

BERTH, Joyce. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. 162p.

BRITO, Márcia Aparecida de; COELHO, Maria de Fátima Barbosa. Os quintais agroflorestais em regiões tropicais-unidades auto-sustentáveis. **Agricultura Tropical**, v. 4, n. 1, p. 7-35, 2000.

CARNIELLO, Maria Antonia; SILVA, Roberta dos Santos; CRUZ, Maria Aparecida Berbem da; GUARIM NETO, Germano. Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amazônica**, v. 40, n. 3, p.451-470, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5aEd. Curitiba: Editora Positivo, 2010. 2272p.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **Os parques e a produção do espaço urbano**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013. 176p.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. São Paulo: Ed. WWF Martins Fontes, 2019. 283p.

HOLTHE, Jan Maurício Oliveira Van. **Quintais urbanos de salvador: realidades, usos e vivências no século**. 257 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

LEFF, Enrique. **Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 438p.

LITTLE, Paul Elliot. Ecologia política como etnografia: Um guia teórico e metodológico. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 85-103, jan./jun. 2006.

PASA, Maria Corette; NEVES, Wanessa Medrado de Souza.; ALCÂNTARA, Kelly Costa de. Enfoque etnobotânico das categorias de uso das plantas na unidade de paisagem quintal, comunidade Fazenda Verde em Rondonópolis, MT. **Biodiversidade**, v. 7 n. 1, p.3-11, 2008.

- MACEDO, Sílvio Soares. Paisagem, lotes e tecidos urbanos. **Paisagem, Ambiente, Ensaios**. São Paulo. n. 10. p. 9-50, 1997.
- MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre - Objetivo de trabalho. **Paisagem, Ambiente, Ensaios**. São Paulo, n. 21, p. 175-198, 2006.
- MAZOYER, Marcel.; ROUDART, Laurance. **História das agriculturas no mundo: do Neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: EdUNESP; Brasília(DF): NEAD, 2010. 568p.
- MARTINS, Flávia Elaine da Silva; MONTEZUMA, Rita de Cássia Martins. Quintais quilombolas no contexto do PEU das Vargens - Rio de Janeiro: por uma ecologia política. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA. 13., 2019, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP: 2019.
- MONTEZUMA, Rita de Cássia Martins. Ecologia de Paisagens e Sistema de Espaços Livres de Edificação: Uma proposta de análise para o ordenamento territorial e promoção de justiça ambiental. In: LIMONAD, Ester; BARBOSA, Jorge Luiz. (Org.) **Geografias, Reflexões, Leituras, Estudos**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2020. p. 364-382.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos técnicos e metodológicos da Geografia**. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2012. 136p.
- SANTOS, Ynaê Lopes. **Além da Senzala: arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2010. 178p.
- SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade: a forma social negro brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X., 2019. 168p.
- TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, AS-PTA, 2015. 272p.
- WINKLERPRINS, Antoinette M.G.A. House-lot gardens in Santarem, Pará, Brazil: linking rural with urban. **Urban Ecosystems**, n. 6, p. 43-65, March 2002.
- WINKLERPRINS, Antoinette; OLIVEIRA, Perpetuo Socorro Santos de. Urban agriculture in Santarém, Pará, Brazil: diversity and circulation of cultivated plants in urban homegardens. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 5, n. 3, p. 571-585, 2010.